

O RESSURGIMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE

Reportagem de
ADALBERTO RIBEIRO

O saneamento da Baixada Fluminense precisa ser conhecido. A repartição que o dirige também figura na Exposição de Viação e Obras Públicas. Mas não adianta muito ver os gráficos e as fotografias que lá expõe. Por eles não se pode fazer idéia do que são realmente os trabalhos que

porter que sou, prefiro subir uma incrível escada de caracol da Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense, lá para os lados do Cais do Porto, à avenida Venezuela, e depois meter-me no brejo, a ver a desobstrução de rios, encobertos pela vegetação, esparramados, de água pôdre, a



Canal de Itá, na cheia de 1936

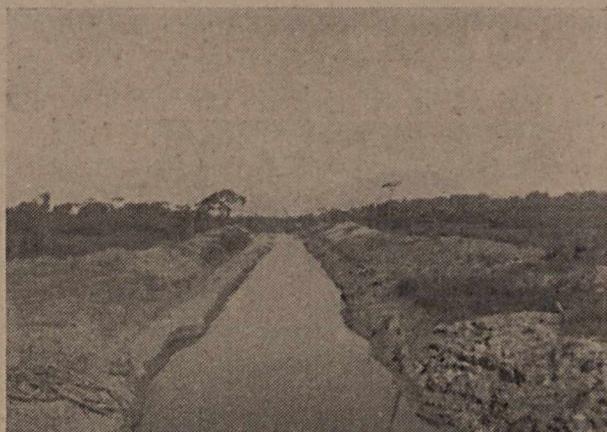
o Governo do Sr. Getúlio Vargas está realizando na Baixada. Para conhecê-los é necessário ir à sede da repartição e depois visitar os serviços.

Ha tendência para julgar-se a distância o que não se conhece. É fácil e cômodo. Os relatórios não adiantam. Os técnicos espontâneos andam por toda a parte, e preferem combater. Ha desassombro na atitude, e agradam. Mas, como velho re-

fermentar ao sol. Sinto-me satisfeito com êsse heroísmo. Gosto de praticar o jornalismo à antiga.

O Ministério da Viação é amável. Costuma fornecer aos reporters notícias prontas. E' prática generalizada. Todas as repartições públicas fazem hoje assim. E' por isso que o Dr. Moacyr Silva está espantando muita gente com a exposição que organizou na Feira de Amostras. Natural. Si ali

se aprende a conhecer melhor o Brasil! Eu mesmo, que costumo conversar com o Dr. Jurandyr Pires Ferreira sobre tarifas; com o Dr. Trajano Reis sobre a fábrica de aviões da Lagoa Santa; com o Dr. Renato Hanriot sobre a produção ao lado das linhas da Central do Brasil, etc., etc., eu mesmo —



Canal do Guandú-Mirim, visto da ponte W. Luis para a jusante

como ia dizendo — fiquei surpreso com aquelas coisas expostas no certame do Governo.

Na Diretoria da Baixada Fluminense

O reporter velho agrada, sobretudo no meio de moços, como os que trabalham com o Dr. Hildebrando de Góes. Pensar em dragagens, diques, saneamento de cidades etc., etc. e não se lembrar do nome de Saturnino de Brito é impossível.

— Aquí o senhor tem o mapa da Baixada de Goitacazes. Em cima o Paraíba; em baixo a lagoa Feia e o mar.

Achei que não iria entender nada do plano de Saturnino de Brito. Motivo: uma vez fui a Campos numa excursão da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Discursos e conferências. O Dr. Saturnino de Brito Filho fez na Policlínica uma exposição do plano do pai para defesa do município campista contra as inundações. De vez em quando a luz falhava. O orador emudecia. Tudo no escuro durante uns dez minutos. Voltava a luz, e o jovem engenheiro retomava o fio da meada. Todos aqueles intervalos me atrapalharam. Nunca pude por isso entender o plano Saturnino de Brito.

E, agora, estava eu diante do plano, desenhado em cores vivas e visto, claramente visto. O engenheiro Saturnino Braga (Não tenham dúvida:

é Braga mesmo, mas conhece bem o plano) diz-nos:

— Na margem direita do Paraíba construímos um dique de alvenaria de pedra que, partindo de Iteraré, se estende por 18 quilômetros. Vai ser levado até ao Ponto do Leite, com mais 26 quilômetros. A primeira parte já nos custou cerca de . . . 3.350:000\$000. Essa muralha não tem sempre a mesma altura. Ha uma abertura ou melhor, um rebaixamento de 500 metros de comprimento, a que chamamos vertedor. Dêsse vertedor, até a Lagoa Feia, um canal leva as águas das enchentes numa distância de 28 quilômetros. Os nossos serviços compreendem a construção de outros canais, de larga rede de canais secundários, etc. À proporção que êsses canais vão sendo abertos, as terras, ha muitos anos debaixo de extensos charcos, vão secando e passam a ser cultivadas. Na Usina de Santa Cruz, a lagoa de Cacumanga, que era horrível pântano, está enxuta e as terras aproveitadas valem hoje 500 contos.

O plano Saturnino de Brito não podia ser mais fácil de compreensão.

O Dr. Saturnino Braga passa à Baixada de Araruama, com todos os seus rios desobstruídos e, chegando à Baixada da Guanabara, observo seu entusiasmo quando nos fala no "polder" de Merití.



Trecho do rio Campinho, com seu canal aberto, próximo ao cruzamento do ramal de Austin

— Que é polder?

— E' isto aquí. Esta área era toda de mangues, imprestável, sem valor. Hoje está inteiramente sêca. São oito milhões de metros quadrados, que vamos entregar ao Domínio da União, e vale 36 mil contos.

Deixámos o resto para o dia seguinte. Iriamos à

Baixada de Sepetiba

O Dr. Hildebrando de Góes nos diz:

— Amanhã vou inspecionar os serviços até o canal de S. Francisco. Melhor será observar o que já se fez. Em todo o caso este mapa serve

preocupação constante e insistente de dragar as barras dos rios e só cuidar de sua parte marítima. Não se cogitou de melhorar a parte fluvial, propriamente dita, nem a do trecho marítimo onde os terrenos marginaes têm cotas superiores à preamar máxima. Havia também falta de continuidade administrativa, e as verbas eram, na maioria das vezes, reduzidas e dispersas. Só aqui perto já tivemos, trabalhando ao mesmo tempo, três comis-



Canal do Guandú-Mirim, nas proximidades da estrada Rio-S. Paulo

para dar-lhe idéia do conjunto, e nada perde em vê-lo, acompanhando-lhe o traçado.

Concordámos.

Deixando o mapa de Sepetiba, preferimos ouvir o diretor dos Serviços da Baixada Fluminense passar em revista os trabalhos já executados. Fê-lo reportando-se às varias comissões de outros governos:

— De 1894 a 1933 foram gastos na Baixada 68 mil contos. Os resultados poderiam ser mais apreciáveis. Havia deficiência de estudos, não só quanto à medição dos rios como na abertura de canais. Notava-se, enfim, má compreensão do problema. Na Baixada Guanabara predominava a

sões. Uma em Santa Cruz, subordinada ao Ministério de Educação e Saude Pública, que era a Comissão de Saneamento e Dragagem; outra na Fazenda de S. Bento, por parte do Ministério do Trabalho, e a terceira pertencente ao Departamento Nacional de Portos e Navegação.

— E agora, qual é a situação?

— Agora só existe a Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense com uma única direção para os serviços, desde Sepetiba até a Baixada de Goitacazes.

No dia seguinte fui com o Dr. Hildebrando de Góes à baixada de Sepetiba.

O automóvel corria pela estrada Rio-S. Paulo. Saltámos na praça General Aranha, defronte do Campo de Aviação Militar. O Dr. Hildebrando de Góes nos adverte:

— Os serviços da Baixada Guanabara chegam até aqui. Vamos inspecionar esta obra. É uma canaleta de 1.200 metros de extensão, revestida de cimento. Como vê, os coletores subterrâneos, que estão drenando uma área de 850 mil metros quadrados do Campo dos Afonsos, vêm todos ter a esta canaleta, aqui na rua Xavier Curado. Por sua vez, lá dentro do campo, onde os aeroplanos pousam, ha uma imensa rede subterrânea de drenos. Aqui fóra, esta outra galeria subterrânea, com 1.120 metros de extensão sobe a rua General Savaget e vai ter ao rio Tinguí.

Voltámos ao automóvel.

Em Santíssimo atravessámos a linha da Central, continuando na estrada Rio-São Paulo, até a



Um trecho do Guandú-Mirim, aberto com a draga flutuante, entre Santa Cruz e Campo Grande

ponte Washington Luis, sôbre o rio Guandú-Mirim. Saltámos. Uma draga, à distância, abria o rio. De longe víamos a caçamba descer e, depois de pequeno intervalo, surgir no ar outra vez e soltar a lama do rio, no alto do barranco.

O Dr. Hildebrando de Góes nos diz:

— Vamos até lá.

Descemos para a margem esquerda do rio, inteiramente livre do brejo. A vegetação hidrófila está mirrando. A tabibúia escasseia. E então, bem de perto, a caçamba, com seus dentes a desbastar a beirada do rio, nos dá impressão de que, ela sabe o que está fazendo, pois vai certa a abocanhar o naco de terra do barranco.

Esse canal, um pouco mais abaixo, irá ao encontro do outro, que está feito até o rio Guandú-Assú. São oito quilômetros de retificação de um rio que se espriava pelos brejos, deformado, coberto de espessa vegetação. Regressámos à ponte W. Luis, tomando um barco que dois caboclos dirigem com longas varas. Agora, o contraste. Do alto da ponte, para a montante, na parte que ainda não foi dragada, nem se percebe que ha mesmo ali um rio. Um caboclo nos observa e diz satisfeito:

— Isto é um *trabáio de orde*.

Estas dragas são realmente invencíveis naqueles serviços. E o Dr. Hildebrando de Góes nos informa:

— Temos dez dragas novas dessas que o senhor acabou de ver; seis velhas e três flutuantes. As "drig-lines" são mais apropriadas e de manêjo mais fácil que as flutuantes, de guarnição maior. Precisam ser desmontadas até ao convés para atravessar as estradas de ferro e de rodagem e custam 2.500 contos.

Deixando a ponte W. Luis, entrámos pela estrada Santa Maria, onde está sendo feita uma ponte de cimento armado. O rio Campinho foi canalizado à mão, da Estrada dos Palmares até Campo Grande, numa extensão de 3.300 metros. O serviço de dragagem nesse mesmo rio acha-se quasi concluído, faltando apenas 150 metros para a ligação entre os dois trechos.

No meio do mato vimos o braço da draga. Entrámos pelo sítio do Dr. Aristoteles Pereira, cujos laranjais esbarram nas tabibúias. Metêmonos pelo brejo, pisando em troncos de árvores que os caboclos iam atirando à nossa frente, o que não impediu de nos atolarmos.

O engenheiro Luiz Veiga nos faz subir a draga, manejada por um português moço, de olhos claros, o Albano da Rocha.

Só mesmo trepado na draga é que se pode ver bem seu funcionamento. E o Albano da Rocha trabalha, pode dizer-se, com *sentimento*. Ele e a máquina se completam. A caçamba obedece com *inteligência* ao manêjo das alavancas. E raspa lá em baixo na terra, enchendo-se de lama, pedaços de troncos de árvores, e depois, abrindo a boca, solta tudo aquilo lá em cima no barranco!

O Dr. Hildebrando de Góes:

— Está satisfeito? Como a gente sente alegria em ver esse serviço, que vai beneficiar toda uma extensa área de cêrca de 150 quilômetros quadra-

dos! Por isso é que o Governo se interessa pelos trabalhos da Baixada Fluminense.

Retomando a estrada dos Palmares, entrámos em terras do Núcleo Colonial de Santa Cruz, que o Sr. Salgado Filho, quando Ministro do Trabalho organizou. De espaço a espaço, um sítio bem plantado. Além de laranjais, ha muita roça de mandiôca, mamão e feijão. As casinhas são todas do mesmo tipo.

O Dr. Hildebrando nos adianta:

— Todos os anos, as enchentes do Guandú-Assú danificavam as plantações desta baixada. Em 1936, os colonos do Núcleo Colonial de Santa Cruz tiveram prejuizos que excederam de três mil contos. Mas, em 1937, a enchente não os atingiu. Fiz construir um dique desde a linha da Central, perpendicular a esta e acompanhando o canal de S. Francisco, na sua margem esquerda, até alcançar o rio Guandú-Assú, e, avançando na sua margem esquerda, êsse dique está prosseguindo até chegar à estrada Rio-S. Paulo. A sua extensão, no momento, é de onze quilômetros e meio. Acompanha o curso do Guandú-Assú, a uma distância de 150 metros, mantendo mais ou menos êsse afastamento.

— Mas porque não foi levantado mais perto da margem do rio?

— Justamente para oferecer-lhe área certa para espriar-se sem, entretanto, transpô-la. Daí, os seus resultados desde já.

Fomos ver essa obra. Ficámos realmente satisfeito. Na planície lançou-se um atêrro alto, de largura aproximada de 17 metros e terminando em cima como o leito de uma estrada de ferro. E' defendido por cêrcas de arame. O nosso automóvel galgou-o e nêle foi deslizando até o fim. À esquerda, uma área já limpa de qualquer vegetação permite-nos divisar, lá distante, o Guandú-Assú. Saltámos do automóvel. Agora, em vez do atêrrodique, uma vala se abre, como prolongamento. Operários trabalham. E o Dr. Luiz Veiga adianta:

— Esta vala é escavada para ser depois coberta pelo próprio dique, como si fôsse sua raiz de ligação à terra firme.

Um trator enorme com um raspador à frente, um "scraper", raspa o chão e enche-se de dez metros cúbicos de terra, que é posta sôbre a vala e amassada pelo próprio trator e seus 4 pneumáticos, de metro e meio de altura e pêso de 400 quilos. E, assim, a terra solta fica logo comprimida.

Mais distante o "angledozzer", um destocador, ia derrubando a mata. Fomos vê-lo de perto. Êle investe contra a capoeira, e vai arrazando tudo. Uma bela árvore, um genipapo, fica isolada.

O "angledozzer", como si fôsse um touro de aço, começa a dar marradas. A cêna não passa de dez minutos. E a árvore treme um pouco e logo em seguida tomba, com estrondo. A cêna impressiona, e só um Euclides da Cunha a descreveria à altura.

Um outro trator aproxima-se. Um cabo grosso é preso ao tronco, e o arrasta, e o vai desprendendo de todos os impecilhos, num retorcer em que os estalidos dão mesmo a impressão de que a arrancada é dura!

E o Dr. Hildebrando de Góes comenta:

— O funeral do gigante vai passando...

A tarde nos fôra toda de impressões fortes.

Mas não estava ainda terminada.

Vimos uma obra empolgante: uma barragem, munida de adufas, isto é, tampões em sentido vertical, que são suspensos ou abaixados conforme o volume das águas que se deseja encaminhar para o canal de S. Francisco.

Pequeno resumo dos Serviços da Baixada Fluminense em Setpetiba:

Diques	—	11 quilômetros
Dragagem	—	12 quilômetros
Canais à mão	—	24 quilômetros
Desobstrução de rios	—	684 quilômetros

Acompanhando a linha da Central, no ramal de Mangaratiba, depois de Santa Cruz, uma vala extensa está sendo aberta. Trabalhavam no momento 187 homens.

Regressámos à cidade ao escurecer. O que vi era apenas uma parte do Saneamento da Baixada Fluminense.

A situação do pessoal

Em Campo Grande, na séde dos Serviços da Baixada, o Dr. Luiz Veiga nos apresentou a dois engenheiros, muito moços ainda, metidos em roupa cáqui e botas.

— Vão para lá de Guandú-Assú, e só voltam ao escurecer. Almoçam todos às 7 1/2 da manhã. No meio do brejo e do mato não se pode perder tempo em fazer comida.

Como homem do asfalto, fiquei envergonha-

do de minha situação pode dizer-se parasitária, pêso morto, diante daqueles homens que enfrentam a febre, a mosquitada, o pântano, tudo quanto é coisa ruim, para espalhar o bem, fazendo obra social cujo alcance, sob todos os aspectos, é realmente extraordinário. A bondade de José Américo, iniciando os serviços da Baixada Fluminense, e o patriotismo indiscutível do Sr. Getúlio Vargas, estavam ali à minha vista, e não nos elogios e discursos dos que nem lhes conhecem as emprêsas heróicas como aquela, a que moços educados e caboclos rudes dedicam horas sem fim de trabalho, e que trabalho!

O Dr. Luiz Veiga, conversando com o Dr. Hildebrando de Góes, faz-lhe um apêlo:

— Os nossos operários aqui na séde e que acompanham os engenheiros aos brejais eram vinte. Agora estão reduzidos a oito. Quando posso, aproveito um ou outro por aqui mesmo, dando-lhe comida. Mas a tuberculose os vai dizimando, abrindo claros no meu batalhão, com rapidez que impressiona. Já percebi a causa dessa desgraça: a fome. Seria melhor que, em vez de um aumento de 2\$000 por dia, nós lhes déssemos almôço antes de saírem com os engenheiros.

O Dr. Hildebrando de Góes ouve com atenção, pensa um pouco e, pelo geito, demonstra que a situação dos caboclos pode ser melhorada:

— Vou estudar isso. O almoço é melhor que os 2\$000.

A situação dos demais funcionários.

O problema do saneamento das terras da imensa planura fluminense, que circunda a capital da República, estava desmoralizado no seio da opinião pública. Como reporter sempre observei isso. Ninguém, absolutamente ninguém, acreditava em saneamento da Baixada. Essa, a verdade.

Os fracassos vinham desde 1893. Mas agora, está organizado verdadeiro corpo de técnicos especializados naquele serviço de construção de diques, aberturas de canais, estudo de regiões imensas de brejos etc. Foram fixadas novas diretrizes, conforme é fácil de entender-se, e os erros antigos, tradicionais, desaparecendo por completo.

Sente-se a confiança nos serviços do Govêrno em toda a Baixada. Melhor atestado dessa afirmativa está na extensão das áreas cultivadas.

Agora, os profissionais empregados nessa obra nacional precisam ter recompensa justa pelos serviços que prestam à comunidade. O quadro dos efetivos é insuficiente para as necessidades atuais. Dos 41 engenheiros para toda a Baixada, desde Sepetiba até S. João da Barra, apenas 11 são efetivos. Os restantes são contratados, com vencimentos médios de 1:200\$000, remuneração pequena para quem, desde manhã, trabalha no campo, em zona paludosa.

Entretanto, é possível que o Govêrno, que já reconheceu a grande obra nacional que se está construindo, que a tem apoiado com verbas amplas e medidas administrativas que facilitam a execução dos serviços, venha dentro em breve recompensar o esforço e o sacrificio daqueles jovens engenheiros, ampliando o quadro e dando-lhes estabilidade.

Estou certo de que si não fizer isso, irá perdendo os melhores elementos, desviados por emprêsas particulares, que trabalham para o Govêrno em serviços de saneamento.

Por outro lado, o Govêrno do Sr. Getúlio Vargas cuidará naturalmente de fazer o saneamento de outra zona, como o norte do Espírito Santo, S. Paulo, perto de Cananéia, Paraná, etc. e, sendo assim, deve estar sempre aparelhado de técnicos competentes, formados na grande escola da Baixada Fluminense.